

FOLCLORE – ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE. O ESPECTÁCULO

Por JOSÉ ESCALEIRA*

1. Introdução

A pedido da Professora Laurinda Figueiras, directora da Ronda Típica da Meadela, apresentei nas I Jornadas de Cultura Popular de Viana do Castelo uma comunicação em diapositivos, com um texto a comentar uma série de imagens, que fui desafiado a transformar em texto escrito estruturado, para publicação em revista.

Quando abordamos, em público, temas relacionados com o folclore e o espectáculo na cultura popular, o recurso a imagens comentadas é uma boa maneira de introduzir a reflexão, o confronto de ideias na tentativa de daí retirar algumas conclusões. Num tema tão controverso como o do folclore, da tradição e da autenticidade, com reduzidas bases documentais de análise certificadas, o discurso à volta da imagem permite organizar algumas achegas interpretativas importantes.

Daí que, para este escrito, tenha que transformar uma apresentação destinada a ser comunicada de forma descritiva, dialogada e por tópicos, num texto com alguma coerência reflexiva e analítica. Para isso aqui estou. Tentá-lo-ei da melhor forma possível.

Numa primeira parte apresentarei considerações sobre a investigação no domínio do folclore, tradição e património, alertando

* Instituto Politécnico de Viana do Castelo

para os perigos dos juízos fáceis e de possíveis conclusões feitas sem o total conhecimento do processo de construção dessa tradição.

Em seguida, passarei às consequências da irremediável transformação das estruturas produtivas, associada à alteração dos comportamentos sociais e económicos, que trouxe consequências sobre o posicionamento do folclore na sociedade.

Por fim abordarei as questões associadas ao espectáculo como forma última da representação da tradição e da sua contradição com esta.

2. Da pesquisa às conclusões. Que problemas para perceber a tradição?

Tema que há muito me preocupa é a ligação entre a tradição, o folclore e o espectáculo, no sentido de destrinçar uma teia de ideias feitas e cada vez mais tornadas, pretensamente, ciência.

A leitura de documentos isolados, a resistência a ler as informações à luz da realidade sócio económica e cultural, a falta de análise crítica sobre as fontes, a tentação do investigador tomar partido pela coisa investigada, são pecados comuns a quem investiga nas Ciências Sociais. Quanto mais distantes da metodologia científica da investigação se encontrem os investigadores, mais esses pecados se repetem, criando, por vezes infundas e estéreis discussões.

Para não me quedar sem exemplos, é usual assistirmos entre os amantes do folclore e responsáveis dos grupos folclóricos, á problematização de questões sobre se os homens usavam ou não chapéu a dançar; se o cabelo das mulheres era penteado para a frente ou para trás; se a saia era azul e vermelha, ou vermelha e azul; se a meia do homem era branca ou azul às riscas, se no passado era assim, ou assado, etc.

Muitas das vezes estas questões são suportadas por um artigo que se leu, acriticamente, numa revista do século XIX, ou num postal (sabe-se lá como foi tirada a fotografia) ilustrado do início do século,

ou mesmo, por um testemunho único de alguma pessoa idosa da região. Mas, mais importante ainda do que a fonte, é saber qual o interesse de tal preocupação com o passado, com que passado, e, nesse passado, com o cabelo, a saia, as meias, ou o chapéu. Aqui entra o problema da dita autenticidade, que não trarei a este texto, mas que continua a ser discutido por especialistas com diversas correntes a tomar posição. E muitas vezes a luta pela autenticidade não é mais do que a luta pela diferenciação. E a diferenciação traz poder.

Contudo, penso que o problema já não se põe do lado da autenticidade ou do rigor etnográfico (o que é?). A questão deve pôr-se do lado da compreensão do que é património e de que forma poderemos compreender as raízes que sustentam a nossa vida cultural. Isso servirá para nos integrarmos no meio que nos rodeia, quer inovando para novas formas, quer inovando para manter as actuais formas, quer, mesmo, mantendo as formas actuais, mas compreendendo que são também construções que não forma necessariamente sempre assim.

Neste sentido, precisamos de nos interrogar permanentemente sobre como foi construído, o que se intitula de tradição. É necessário desmistificar o que de tradição se atribui a meras actividades criadas para espectáculo, numa árdua tarefa de desfazer, no emaranhado existente, o que é património imaterial e o que é construção performativa. Nada impede, porém, que uma construção performativa, de espectáculo, pela sua permanência, aceitação colectiva e interacção com o meio que a gerou, se torne em património, aceite como tal.

Asworth (2008) refere património como um processo mais do que uma relíquia, ou lugar, ou edifício associado a tempos antigos. Nem o considera como sendo o fruto da descrição de arqueólogos sobre um passado seleccionado, nem também o que permanece na falível memória humana. Património é, segundo este autor, um processo que usa os lugares, objectos, usos e padrões do comportamento

humano, como um veículo para a apresentação de ideias, no sentido de satisfazer diversas necessidades contemporâneas. Na linha de Graham (2007), património será um produto do presente, suportado por um passado imaginário, na assunção de um imaginário futuro.

Neste sentido, podemos dizer com Sola (2008), relacionando património com desenvolvimento, que aquele não é nem passado nem obsessão científica. Existe para tornar possíveis os efeitos benéficos sem os quais a memória colectiva não fará sentido. Assim as instituições e actividades ligadas ao património/tradição, correctamente concebidas e geridas, podem devolver a vitalidade às forças vitais da comunidade ou da sociedade, reforçando a resistência contra ameaças e encorajando a criatividade.

3. Tradição e Modernidade. O papel do Folclore.

O folclore e a representação da tradição têm sido apontados como representações de um passado imutável, muitas vezes cristalizado em fenómenos considerados como eternos. Façamos uma viagem à volta do que é o folclore.

William John Thoms, em 1846, apresentou o Folclore como o saber tradicional, preservado pela transmissão oral entre os camponeses.

Aqui, destaca-se aqui uma ligação à memória colectiva, que deveria ser mantida pura e inalterada, na linha dos românticos que desde o século XVIII fabricaram o popular ingénuo, anónimo, espelho da alma nacional. Como exemplo, são dados os contos populares para a infância, de Anderson, Irmãos Grimm, etc.

A lógica que dinamiza o folclore funciona como um elemento aglutinador da memória colectiva de um povo, enraizado num determinado território, com a sua cultura e a sua história própria, exigindo para a sua sobrevivência a manutenção de um fundo arcaico, sedimentado no tempo, através de processos de repetição, de esquecimento, de naturalização e de rememoração de uma tradição oral, como nos refere Marques (2004)

Por outro lado ao falarmos de território, localizamos o povo no espaço rural, associado à base económica da produção agrícola.

A relação entre as estações do ano e as fases associadas à produção agrícola (sementeiras, colheita, etc.), a esperar a chuva, o folgar ao ar livre no tempo de sol, os festejos das colheitas, a diversão enquanto se descansa, ou se espera o fruto do trabalho, são fenómenos compatíveis com as sociedades agrícolas de base rural.

Com o desenvolvimento do mercado, associado à industrialização, com a rejeição de tudo o que era povo, porque atrasado, imobilista e de passado, a nova classe cria elites (com a chamada cultura burguesa). Os transportes, a inovação nas comunicações, a troca/comércio alargado, a deslocação de pessoas, etc., faz aparecer a impessoalidade. Neste sentido, o espaço torna-se menos importante como detentor da memória passada. Que memória e de que espaço? O mundo industrial já não é o da comunidade à volta da terra, sem se poder afastar e sujeita às leis naturais e às estações do ano com os respectivos fenómenos climáticos.

Com a industrialização e a necessidade de criar uma sociedade nova, de rejeição do mundo rural, aparece a contradição folclore versus progresso.

Neste contexto, a tradição aparece como a tentativa de recuperar o passado. O termo *tradição* é usado para designar *o que é transmitido*, mas também para designar a acção de *transmitir* algo. O *folclore* é associado à tradição. Isto leva a que haja quem considere a *tradição* como algo natural, com dom divino, sagrado, esquecendo a forma como foi, ou é transmitido, supondo que sempre foi assim e sempre assim será. Mas, o processo de transmissão de coisas do passado é uma actividade humana criadora. As tradições/património transmitido, mais do que um objecto natural e divino são fruto da acção humana. A *tradição* é, assim, um processo de:

- Selecção
- Valoração

- Interpretação
- Afirmção

daquilo que nos é legado pelo passado. A tradição conserva, elimina e renova.

A tradição é agente de ruptura, pois ela só sobrevive se responder aos desafios da modernidade, incorporando os seus aspectos. O espectáculo é uma das formas dessa incorporação.

Em *A Invenção da tradição*, Hobsbawn refere-se à criação de rituais e de regras que buscam traçar uma continuidade com o passado, estando dessa forma uma memória que funciona como um saco de lembranças. No entanto, nem tudo o que ela abarca é realmente passado – várias das suas manifestações são recentes e surgem como algo há muito existentes, mas o fato de celebrá-las faz com que se esqueça a sua idade, sua origem actual, camuflada pelo tempo imaginado. A tradição criada confere a ilusão de perenidade, reabilitando o nexo entre o presente e o pretérito reconstruído. (ver Hobsbawn (1984)).

4. A tradição no espectáculo ou o espectáculo como tradição?

No seguimento do raciocínio atrás referido, o espectáculo, quebrando a ligação ao território, mas mantendo o acto nascido no território é uma fenómeno que faz a ponte entre a tradição e a modernidade. Da animação no trabalho até ao espectáculo podemos percorrer um conjunto de questões que as figuras a seguir apresentadas nos obrigarão a reflectir.

1. O canto, a música, a dança eram e são ainda muitas vezes, formas de animar os locais de trabalho, e os tempos livres.
2. Quem participa nessas actividades é, ao mesmo tempo, espectador e actor. Todos cantam e todos ouvem cantar.
3. Mas mesmo assim, o registo tem a mão humana. Há fotografos, pintores, etc. Ora já existe observação.... (ver **Figura 1, Figura 2 e Figura 3**)



Figura 1 – Nesta malhada todos cantam e todos ouvem cantar.... mas está lá o fotógrafo... (Postal a preto e branco, edição do bazar Couto Viana, s/nº de edição)



Figura 2 – Na ceifa as mulheres e homens divertiam-se a cantar, dançando mesmo nas pausas..... (Postal a preto e branco, s/ refª a editor)



Figura 3 – Havia até situações em que os instrumentos de música acompanhavam sempre o trabalho ... (Postal a cores, com aguarela de Alberto de Sousa, s/ ref.ª a editor, nº 1431)

Entretanto surgiu o espectáculo, aparecendo com o tempo a necessidade de apresentar em público, cantigas, danças e mesmo trajes em uso. Aí passou a haver espectáculo. Havia, já, público a ver, a ouvir, a assistir e outros a desfilar, a representar.

Contudo, muitos do que representavam ainda estavam ligados à função que representavam, ainda traziam a actividade do território transposto. Mais do que representação/espectáculo, estaríamos perante uma *mostra*. (ver *Figura 4*)



Figura 4 – A Festa do Traje em Viana do Castelo como espectáculo. Serão todas sargaceiras?...Provavelmente (Postal a preto e branco da Colecção Passaporte (LOTY), nº 58)

As Festas do Traje, as Paradas Agrícolas, depois Cortejos Etnográficos, etc. são sinais da passagem para o espectáculo, em primeiro como mostras e depois como representações. Aqui vestiam-se os fatos semente para as ocasiões de desfile.

Ao contrário de certas regiões da Áustria e países da Ásia, em que os fatos tradicionais são envergados em cerimónias festivas ao longo do ano, cerimónias oficiais, etc., em Portugal, de uma forma geral, e mais especificamente na região de Viana do Castelo, os trajes da tradição são envergados, somente, nos espectáculos pelos elementos dos grupos, nas festas anuais por elementos da população para integrarem espectáculos de cortejo e, esporadicamente em alguns acontecimentos especiais, mas como criação de ambiente decorativo.

O espectáculo fez com que o traje fosse apurado, tornado estético, uniforme, até. Então começou a aparecer também a diversificação,

dentro do uniforme. Começou a falar-se dos trajes de ir à missa, de ir à erva, de ir à fonte, de namorar ao domingo, de namorar ao sábado, etc. etc. Contudo o seu usos era somente nas ocasiões de desfile/representação. (ver *Figura 5*)



Figura 5 – Este par estará mesmo a casar no estrado? E as moças atrás, são camponesas?... (Postal a preto e branco da Coleção Passaporte (LOTY), nº 60)

Então, agora com o espectáculo, representa-se a tradição; cria-se o que não era tradição... *cria-se a partir da tradição.*

Muitas vezes esta é a tradição que os vindouros respeitarão. Nasceu tradição. Quem a criou/fomentou? A criação da criação é da responsabilidade do povo, do poder político, do poder económico, do poder religioso, etc.

Em jeito de conclusão, podemos constatar que no tempo presente a tradição está representada, com espectáculo, cada vez mais desligada da função que representa. As representações da tradição, muitas delas preparando-se para serem constituídas como tradição,

não tenderão a assumir um valor simbólico cada vez mais aproveitado para motivos económicos, sociais, políticos religiosos, etc.

É partindo destas interrogações que poderemos começar a construir a compreensão da tradição e por essa via o papel do folclore.

5. Bibliografia

Ashworth, G. J. (2008), "Heritage: definitions, delusions and dissonances", Amoêda, R. et al (editors), *Heritage 2008 – World Heritage and Sustainable Development*, pp.3-9, Barcelos.

Graham, B.J., (2002), "Heritage as knowledge, capital or culture", *Urban Studies* 39, pp. 1003-17.

Hobsbawm, Eric J., Ranger, Terence(1984), *Invenção das tradições*, Rio de Janeiro, Paz e Terra,

Marques, Ester, (2004), *Folclore, Turismo e Mídia – Tradição e Modernidade*, in: Actas do 1^º Congresso Brasileiro de Folclore, São Luís, Maranhão.

Ortiz 1995

Sola, Tomislav (2008), "Heritage and Human Development", Amoêda, R. et al (editors), *Heritage 2008 – World Heritage and Sustainable Development*, pp.11-19, Barcelos.